

## **ALCEU AMOROSO LIMA: DA “DIREITA À ESQUERDA” CATÓLICA.**

*CORDEIRO, Leandro Luiz (PPH/UEM)*

Nosso estudo procura compreender a trajetória católica e política de Alceu Amoroso Lima entre 1928 e 1950. Período em que ocorre, o que consideramos ser as duas conversões de Tristão de Athayde, ou seja, o seu “Adeus a Disponibilidade”<sup>1</sup>, em 1929, e o novo posicionamento que adota, essencialmente, a partir da década de 1940. Visto que, passou de simpático a crítico do integralismo, e da crítica ao socialismo e a democracia a simpatia a uma forma de governo que mesclasse ambos. Da mesma maneira, que no âmbito religioso caminhou da estrita obediência à hierarquia católica até sua desvinculação dos órgãos da Ação Católica.

Todavia, buscando melhor compreender esta transição acreditamos que é preciso pensar em âmbito nacional e internacional. Pois, este período foi marcado tanto pela ascensão do fascismo, do nazismo e do comunismo soviético, quanto pela crise dos regimes liberais, que passaram a ser criticados num duplo sentido: no âmbito econômico (vide o que a Igreja Católica chamou de “a questão social” e também a crise de 1929); e no âmbito político (o liberalismo filosófico, que teriam causado a perda de valores tradicionais e do senso de comunidade - individualismo). Some-se a isto, o fato das ideologias de extrema direita terem se espalhado pelo mundo. O que não quer dizer que criaram novas formas de fascismo, mas sim, regimes de “novo tipo” que possuíam algumas características do fascismo – como é o caso do regime Vargas no Brasil.

Também é necessário ressaltar, que neste período a Igreja Católica optou claramente pelos regimes de direita, em detrimento tanto das democracias liberais, como do comunismo. Fato que teve relação com opções políticas que a Igreja fez ainda no século XIX, período do qual data o pensamento ultramontano. Opções que estão ligadas principalmente à figura do Papa Pio IX, idealizador do Concílio do Vaticano I (1869), no qual se enfatizou como principal saída aos católicos: “voltar seus olhos para as instituições e sociabilidade da Idade Média”. Em suma, data deste período a exacerbação da “demonização” do liberalismo e principalmente do socialismo – dos materialismos – por parte da Igreja Católica. O primeiro porque rompendo com a sociedade corporativa e harmônica da Idade Média teria causado um mal ainda maior, ou seja, gerado como previu Marx, o socialismo. Este por sua vez, no entender dos católicos pretendia, dentre outras coisas: colocar a Igreja sob sua tutela, instaurar uma

filosofia de vida incompatível – em vários sentidos – com os preceitos católicos, acabar com a propriedade privada e despersonalizar o homem. A Revolução Russa de 1917 colocou ainda “mais lenha na fogueira católica”, uma vez que, criara uma nítida polarização política entre os regimes de direita (com características fascistas) e o comunismo soviético, o que foi o motor da filiação dos católicos aos regimes de direita.

De uma forma geral, este posicionamento só seria rompido com o papado de João XXIII, pois embora Pio XII tenha adotado uma postura mais “liberal”, após o fim da Segunda Guerra, não podemos nos esquecer que em certo sentido ele foi permissivo com o franquismo e com o nazismo. Visto que, no caso de Mussolini as coisas eram ainda mais complicadas, em virtude do Tratado de Latrão de 1929 e da Concordata entre a Igreja Católica e o Estado italiano.

No Brasil, no período que se estende entre a Proclamação da República (1889) e a ascensão de Vargas ao poder, a Igreja Católica viveu um momento de incertezas e de dúvidas. Período em que livre do regime de padroado que vigorara durante o Império, os católicos brasileiros viram-se cada vez mais presos ao processo de romanização (que penalizava o catolicismo popular) e em choque com um Estado nacional laico. No entanto, neste momento ecoaram duas vozes que indicavam a necessidade de um mesmo caminho: dar um fim a inércia dos católicos, pois embora a maioria esmagadora da população fosse católica, nenhuma dimensão da vida nacional parecia de fato confirmar tal declaração de fé<sup>2</sup>. Eram as vozes, respectivamente, do Pe. Júlio Maria e de Dom Sebastião da Cintra Leme. Iniciava-se o que alguns autores chamam de “reação católica” e outros de “projeto de neocristandade”, mas que em suma, pretendia “tirar os católicos da posição de transe” em que se encontravam<sup>3</sup>.

A criação da revista católica *A Ordem* (1921) e do Centro Dom Vital faz parte deste processo de “reação católica”, embora seja necessário lembrar que outros setores da sociedade também se articulavam, tornando efervescente o “cenário” nacional. Um bom exemplo disto é o fato de que apenas no ano de 1922, além da fundação do Centro Dom Vital, houve a revolta do Forte de Copacabana, a fundação do PCB, e a Semana de Arte Moderna de São Paulo<sup>4</sup>. Porém, acreditamos que todos estes movimentos tinham algo em comum: o ideal de “civilizar por cima”<sup>5</sup>. Tanto que, no que tange a Igreja, a primeira preocupação de Dom Leme fora cristianizar a inteligência brasileira, por isso sua nomeação como Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro em 1922 marca a emergência oficial de uma intelectualidade laica em meio aos membros da hierarquia eclesiástica – vale ressaltar que em 1930 o mesmo se tornaria

Cardeal do Rio de Janeiro <sup>6</sup>. É neste contexto que devemos entender a integração de vários intelectuais ao laicato católico, como é o caso do Pe. Leonel Franca, de Jackson de Figueiredo, de Jônatas Serrano, de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), de Gustavo Corção, dentre outros <sup>7</sup>.

Jackson de Figueiredo, mesmo tendo se convertido ao catolicismo apenas em 1918, foi muito importante dentro deste processo de “reação católica”, pois desde então, trabalhou em prol da articulação do laicato, visando aumentar a influência católica na sociedade e combater o que chamava de doutrinas perniciosas – liberalismo e socialismo. Durante a década de 1920, teve uma atuação decisiva na fundação e na direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, assim como em todos os projetos que envolviam a participação desse setor da Igreja Católica <sup>8</sup>. Em 1924 iniciou, por meio de correspondências, um “diálogo epistolar” com Alceu Amoroso Lima, era o contato entre um reacionário e um liberal que se dizia agnóstico. Esse fato, associado ao contato de Tristão de Athayde com o Pe. Leonel Franca e as opções políticas em voga, culminaram na conversão de Alceu Amoroso Lima ao catolicismo, em 1928.

Porém, no mesmo ano em que Alceu Amoroso Lima converteu-se ao catolicismo, Jackson de Figueiredo sofreu um acidente que o levou a morte. Ocasão em que o primeiro viu-se “obrigado” a assumir a direção do Centro Dom Vital e a liderança do laicato católico (a pedido de seus pares e de Dom Leme) <sup>9</sup>. Começava a trajetória histórica de Alceu Amoroso Lima junto a Igreja Católica brasileira.

A partir desta breve contextualização, no qual procuramos mostrar que Alceu Amoroso Lima assume os órgãos do laicato católico num momento em que a Igreja está atrelada a posições de direita, pretendemos começar a dialogar com o próprio autor e com os estudiosos de sua obra. Procurando entender o que o levou a mudar, a migrar de uma posição conservadora, autoritária, a uma posição liberal – tanto na política, quanto em sua postura dentro da Igreja. Neste sentido, nos deparamos com aqueles que acreditam que ele se manteve, em sua essência, um liberal, mas não teve como resistir ao peso da hierarquia eclesiástica, da qual era subordinado, preferindo compactuar com a mesma a se sublevar <sup>10</sup>. O próprio Alceu defende esta tese, sobre si mesmo, ao dizer que sua “posição reacionária era uma imposição póstuma de Jackson de Figueiredo”, algo que o levava a identificar o catolicismo com uma posição de direita e a primar pela autoridade em detrimento da liberdade <sup>11</sup>. O que também diz em entrevista a Mota <sup>12</sup>, quando afirma que herdou o autoritarismo de Jackson de

Figueiredo, principalmente, porque sentia que devia fidelidade ao mesmo. Não obstante, falando sobre sua posição em fins da década de 1940, diria que voltou a vocação liberal que possuía na mocidade, ou seja, antes da conversão ao catolicismo. O que havia sido, no seu entender, obscurecido pela influência do pensamento de Jackson de Figueiredo <sup>13</sup>.

Segundo Jarbas Medeiros <sup>14</sup> a reação antiliberal levou muitos católicos a abraçarem levianamente o autoritarismo nacionalista, situação que mudaria após 1945, quando boa parte da humanidade perceberia que o totalitarismo de direita era tão corruptor, quanto o totalitarismo soviético, e mais pernicioso que os liberalismos. Alceu Amoroso Lima, parece ter seguido este pressuposto na época de sua conversão, pois via no comunismo a “barbárie” e no liberalismo filosófico o “ceticismo”, dessa forma vislumbrava no fascismo uma reação sadia contra os erros do liberalismo burguês do século XIX. O que posteriormente diria ter sido uma falsa impressão.

A experiência política dos anos subseqüentes, principalmente durante e depois da segunda grande guerra, com a atitude do Fascismo em face da Abissínia e da França, e a subserviência ao nazismo germânico, e a meditação mais profunda dos princípios da autêntica ciência e sabedoria política do catolicismo, levaram o autor a modificar sua atitude em face do autoritarismo político e das diferentes formas ditatoriais modernas de governo, fascismo, salazarismo, franquismo, nazismo, integralismo, peronismo ou getulismo. Tõdas elas não são mais do que formas, integrais ou larvais, de totalitarismo reacionário, suscitado e alimentado pela crescente ameaça soviética, tão perverso, nocivo e errado quanto o totalitarismo leninista ou staliniano. <sup>15</sup>

Por outro lado, há que se ressaltar que está mudança, essa reconversão de Tristão de Athayde, também é fruto da influência de Jacques Maritain e de outros pensadores, como Bernamos e Chesterton. No que diz respeito à Maritain, seu livro “Chiristianisme et démocratie” (1943) enfatizou a necessidade de se verificar que a democracia estava “ligada ao cristianismo” e que o impulso democrático havia surgido como uma manifestação temporal de inspiração evangélica <sup>16</sup>. A partir de então, percebemos ressoar de Maritain, a idéia de que um povo poderia estar sujeito a ser desviado do “ateísmo e dos erros espirituais do comunismo por mudanças de ordem interna, por mais difícil e dolorosa que fosse tal evolução” <sup>17</sup>. Não obstante, encontramos no livro “Política”, de Alceu Amoroso Lima, escrito em 1932 e revisado para a segunda edição, de 1948, e para a terceira, de 1956, uma clara a mudança de sentido da palavra democracia, algo que reflete a influência maritaniana. Visto que,

enquanto na edição de 1932 o termo está essencialmente ligado ao liberalismo filosófico e ao capitalismo econômico, na segunda edição, que apresenta notas de 1948, o termo passa a ser ligado a questão das liberdades humanas<sup>18</sup>. E o próprio socialismo passa a ser encarado por Amoroso Lima, não mais como uma coisa una, mas sim, como algo plural, que em alguns sentidos pode ser vestido com uma roupagem democrática. Em fins da década de 1940, parece acreditar que esse “socialismo democrático” (de que falamos acima) seria o sucessor do liberalismo, uma vez que, por meio deste tipo de regime se poderia chegar a uma justiça social-cristã<sup>19</sup>. Outro fato interessante, e que ainda diz respeito ao livro “Política”, é que enquanto em 1932 ele usa o termo integralismo cristão (nacionalismo cristão), na edição de 1956 usa o termo democracia cristã, ou humanismo integral (universalismo, diversidade – personalismo – na unidade).

Todavia, é preciso ressaltar que possuímos algumas ressalvas em relação à generalização desta influência de Maritain sobre Alceu, pois segundo Costa<sup>20</sup>, Alceu já havia tido contato com a obra de Maritain desde 1913, quando este ainda estava vinculado a um pensamento de direita autoritária, a Action Française liderada por Maurras, continuando a lê-lo, mesmo depois que toma um caminho liberal. Rodrigues<sup>21</sup>, mesmo sendo um representante daqueles que vêem em Maritain o principal motivo para a mudança de Alceu, observa que no momento em que Maritain já criticava e se opunha ao general Franco, Alceu ainda não o fazia, mostrando ao contrário, certa simpatia em relação a tal postura. Além disso, a outras contrariedades, vide o fato de em 1931, Alceu Amoroso Lima ser taxado de comunista, tendo seu nome fichado na polícia por ter publicado um livro cujo título apresentava a palavra burguesia<sup>22</sup>. E como nos lembra Cauvilla,

O que fica como pergunta é: por que Alceu não a absorveu imediatamente (a filosofia de Maritain)? Parece-nos que uma primeira resposta de caráter mais genérico, se relaciona com a própria vinculação de Alceu à estrutura oficial da Igreja; está por sua vez é muito ‘cuidadosa’ na adoção de novas posições no campo político e social. Ainda dentro desse âmbito mais amplo, poderíamos dizer que, num momento em que o fascismo parecia ser a única arma efetiva no combate ao comunismo, a Igreja no mínimo, hesitava em atacar ou condenar aquele regime, ainda que percebesse nele componentes perigosos, tanto no plano teórico como no prático.<sup>23</sup>

Os estudiosos mais atentos aos detalhes indicam que mesmo tendo um bom relacionamento com Dom Leme, vide as posições que ocupa durante o período em que

o Cardeal é o grande líder do catolicismo brasileiro, havia tensões entre ambos – ou entre a hierarquia e o laicato. Isso pode ser percebido em vários momentos: na Revolução de 1930, quando mesmo sendo contrário ao governo de Vargas o laicato manteve-se fiel as diretrizes tomadas pela hierarquia; na Revolução Constitucionalista de 1932, onde houve dissensões em relação a tais diretrizes, mas ocasião em que novamente Alceu Amoroso Lima manteve-se fiel a Igreja, embora fosse partidário dos paulistas; e nas disputas pelas cátedras universitárias<sup>24</sup>, o que na maioria das vezes fazia a pedido de Dom Leme; outro exemplo desta situação ocorreu quando Dom Leme “pediu” para que Alceu votasse a favor de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras, ou seja, fosse partidário de que o então presidente ganhasse um assento na ABL, o que desagradou Alceu Amoroso Lima<sup>25</sup>.

A pressão era tamanha, que segundo Gómez de Souza<sup>26</sup> a morte de Dom Leme (1942) representou sua libertação, tanto que em 1945 deixou a presidência da Ação Católica, deixando a imagem do “leigo oficial”, o que o tornara mais livre e menos angustiado de ter que dar uma opinião oficial sobre tudo. Dom Clemente Isnard (bispo de Nova Friburgo)<sup>27</sup> também defende este ponto de vista, o que fica claro quando diz que depois de deixar os órgãos oficiais a Igreja Católica, Alceu Amoroso Lima teve sua postura menos limitada por vínculos institucionais.

Noutro sentido, há aqueles que acreditam que um dos motivos que levou Amoroso Lima a afastar-se da oficialidade católica não foi a morte de Dom Leme, mas sim atuação de Dom Jaime de Barros Câmara, o novo Cardeal do Rio de Janeiro que substituiu Dom Leme. Pilleti e Praxedes<sup>28</sup> nos dão um exemplo disto, quando a partir de seu estudo sobre Dom Hélder, observam que o mesmo conseguiu em várias ocasiões evitar que o novo Cardeal censurasse os artigos escritos por Alceu. Dom Jaime via com desconfiança a figura do antigo líder do laicato, tendo aversão ao ‘modernismo’ e as idéias de Jacques Maritain, o que o levava a manter um censor instruído para ler cuidadosamente tudo o que o líder leigo escrevia.

Alceu também discordava da mudança de modelo da Ação Católica, ou seja, da troca do modelo belga pelo italiano. O que fica claro quando,

Em reunião da Junta Nacional, ao serem apresentadas as sugestões de modificação, Dr. Alceu reage vigorosamente. ‘A Ação Católica não é uma carneirada! Essas modificações nos transformarão em carneirada!’ Data desse incidente a animosidade de Dom Jaime com Dr. Alceu.<sup>29</sup>

O episódio acima citado, parece ter sido a gota d'água para nosso protagonista, levando-o a pedir demissão – como esboçamos acima.

Alceu Amoroso Lima disse certa vez, que era “chamado de fascista pelos comunistas e de comunista pelos fascistas”<sup>30</sup>. Esta questão é interessante, uma vez que nos permite discutir a relação entre a Igreja Católica e o integralismo e a postura de Alceu em relação ao mesmo. Para Medeiros<sup>31</sup>, a simpatia de Alceu em relação ao integralismo e outros regimes de “novo tipo”, pode ser caracterizada como uma forma de reação ao socialismo e as manifestações do liberalismo burguês. Mas, o fato é que em vários trabalhos nosso protagonista assume que foi simpático em relação ao integralismo, mas ressalta que “nunca foi integralista”<sup>32</sup>.

Em entrevista a Mota<sup>33</sup>, ele confirma os pressupostos levantados por Cauvilla (em obra citada), elencando o cesarismo como o maior problema que via na doutrina integralista. Embora também ressaltasse que tinha muito respeito por Plínio Salgado, o mentor do integralismo brasileiro. Todavia, para Alceu os adeptos do integralismo colocavam a doutrina integralista acima dos princípios religiosos, tornando difícil conciliar homo político e homo religiosus. Embora, a nova ordem social que os integralistas pretendiam instalar, agradava-se muito aos católicos, a AIB não representava a Igreja e Plínio Salgado não era o Papa. Pois, para quem tem fé os “fins não podem justificar os meios”.<sup>34</sup> Dessa forma em relação ao integralismo:

Alceu levantava, porém, a mesma objeção apontada por Severino Sombra, opondo-se [...] ao juramento de fidelidade incondicional ao chefe nacional da AIB, pois, segundo ele, só a Deus um católico consciente ‘poderá jurar fidelidade sem condições’. Mesmo assim, Alceu aconselhava a adesão ao integralismo, com a condição de que os católicos mantivessem a proeminência de sua consciência católica sobre a consciência política. À parte esta objeção, Alceu acreditava que o autoritarismo e o conservadorismo eram posições próprias da Igreja e uma forma de defender a instituição contra o ‘espírito burguês’, individualista, liberal e laico, e contra o comunismo ateu e ‘apátrida’.<sup>35</sup>

Vale ressaltar, que a postura partidária da AIB era um agravante em sua relação com a Igreja Católica. Pois, a mesma considerava-se universal, não podendo, em seu entender, ter uma concepção partidária (vide a fundação da L.E.C). No entanto, segundo Pilleti e Praxedes, um dos fatores determinantes na filiação, do então, Pe. Hélder Câmara ao integralismo foi um artigo de Alceu Amoroso Lima na revista “A Ordem”. No qual, o mesmo diz não haver incompatibilidade entre a doutrina integralista

e a doutrina católica. Aconselhando aos católicos não só a dar seu apoio moral ao integralismo, mas também a filiar-se às fileiras integralistas enquanto militantes<sup>36</sup>.

Por fim, visto que o espaço não permite o alongamento da discussão fica uma pergunta no ar: “É fato que as conversões de Alceu Amoroso Lima marcam uma mudança de postura frente a realidade política, todavia até que ponto podemos generalizá-la”? Dizemos isto levando em consideração a diferença que Norberto Bobbio<sup>37</sup> traça entre a direita e a esquerda na política, no qual o fator determinante seria a postura em relação a igualdade (política e econômica, visto que ambas não podem ser totalmente dissociadas). O que torna ainda mais complicado um veredicto “absoluta” sobre tal figura tão densa.

---

<sup>1</sup> Em 1929, Alceu Amoroso Lima enviou uma carta á Sérgio Buarque de Holanda intitulada “Adeus a disponibilidade”. Na qual ele dizia, sobretudo, que iria deixar o ceticismo para dar uma finalidade a sua vida. E que por isso era o fim da disponibilidade. Além disto, na mesma tece críticas ao liberalismo e ao socialismo.

<sup>2</sup> MONTEIRO, 1991, p. 76.

<sup>3</sup> RODRIGUES, A. M.M. 1981.

<sup>4</sup> VILLAÇA, 1975, pp. 103.

<sup>5</sup> PÉCAUT, 1990.

<sup>6</sup> CUNHA, 1981, p. 80-81.

<sup>7</sup> RODRIGUES, 1981, p. 9. A autora, pautada em Mônica Pimenta Velloso, observa que a grande maioria destes intelectuais, no início deste processo de “reação”, pautavam-se no pensamento “conservador” europeu (Donoso Cortez, Charles Maurras, Joseph de Maistre e Antônio Sardinha). Em suma, nos ultramontanos.

<sup>8</sup> AZZI, 2003.

<sup>9</sup> LIMA, 2001, p. 80.

<sup>10</sup> CAUVILLA, 1992, p. 141-142.

<sup>11</sup> LIMA, 1984, p. 91.

<sup>12</sup> MOTA, Lourenço Dantas. **Entrevista com Tristão de Athayde**. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Diálogo).

<sup>13</sup> MEDEIROS, 1974, p. 79-80.

<sup>14</sup> Idem, 1975. p. 48-49.

<sup>15</sup> LIMA, 1956, p. 13-14. Vale ressaltar que este livro, Política, teve sua primeira edição em 1932, sendo fruto de uma série de conferências teóricas que foram promulgadas em Juiz de Fora e Belo Horizonte em 1931. Contudo, esta edição, de 1956, foi revista (com notas) por Alceu em 1948 e 1956. Fato que assinala a “evolução” de seu pensamento.

<sup>16</sup> RODRIGUES, 2006, p. 232.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 231.

<sup>18</sup> LIMA, 1956, p. 41.

<sup>19</sup> Idem, p. 130.

<sup>20</sup> LIMA, 1973 apud COSTA, 2006, p. 137.

<sup>21</sup> RODRIGUES, 2006, p. 19.

<sup>22</sup> LIMA, 1984, p. 122. Trata-se do livro “O problema da burguesia”, cuja edição data de 1932, mas que é fruto de um conjunto de conferências que o autor apresentou, no ano anterior, com o respectivo título.

<sup>23</sup> CAUVILLA, 1992, p. 30.

<sup>24</sup> MICELI, 2001, p. 124. Por meio da defesa de trabalhos, que visavam ser aprovados em concursos para titular de cátedras nas universidades, católicos e comunistas brigavam pelo “controle” das universidades, ou seja, pela disseminação de sua ideologia a partir da mesma.

<sup>25</sup> AMOROSO LIMA, Ir. Maria Teresa. Entrevista a COSTA, 12/09/1999 e BEOZZO, J. O. entrevista a COSTA, 05/04/2002 apud COSTA, 2006, p. 160-161.

<sup>26</sup> GÓMEZ DE SOUZA, L.A. Entrevista a COSTA em 15/02/2000 apud COSTA, 2006, p. 173-174.

<sup>27</sup> ISNARD, C. Entrevista a COSTA em 11/08/2000 apud COSTA, 2006, p. 155.

<sup>28</sup> PILLETI & PRAXEDES, 1997, p. 161.

- <sup>29</sup> Dom João Baptista da Motta e Albuquerque apud BANDEIRA, 2000, p. 280.
- <sup>30</sup> MEDEIROS, 1974, p. 79-80.
- <sup>31</sup> Idem, 1975, p. 48-49. O próprio Alceu confirma esta hipótese levantada por Medeiros, In: MOTA, 1983, p. 54.
- <sup>32</sup> LIMA, 1977, p. 83 e MONTEIRO, 1991, p. 216.
- <sup>33</sup> MOTA, 1983, p. 55.
- <sup>34</sup> LUSTOSA, 1976 apud MONTEIRO, 1991, p.221.
- <sup>35</sup> PILLETI & PRAXEDES, 1997, p. 86.
- <sup>36</sup> Ibidem, p. 86. Em visita ao CAAL (Centro Alceu Amoroso Lima para Liberdade) encontramos uma carta, que data de 1938, de um jovem (José da Silva Leme, de Campinas, SP) integralista endereçada a Alceu. Nesta, ele critica veemente nosso protagonista, chamando dentre outras coisas de traidor. O que se deve ao fato, de segundo o mesmo, ele ter feito propaganda do integralismo, mas depois ter “abandonado o barco”.
- <sup>37</sup> BOBBIO, 2001, p. 23.

## REFERÊNCIAS

- AZZI, Riolando. **Os pioneiros do Centro Dom Vital**. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2003.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- CAUVILLA, Waldir. **O pensamento político de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) na década de 30**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992. Dissertação de Mestrado.
- COSTA, Marcelo Timotheo da. **Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Memorando dos 90: entrevistas e depoimentos**. Textos coligidos e apresentados por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Memórias Improvisadas: diálogos com Medeiros Lima**. Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Notas para a história do Centro Dom Vital**. Introdução e comentários de Riolando Azzi. Rio de Janeiro: Educam: Paulinas, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Política**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1956.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Revolução suicida**. Rio de Janeiro: Ed. Brasília/Rio, 1977.
- MEDEIROS, Jarbas. Introdução ao estudo do pensamento político autoritário brasileiro (1914-1945). In: **Revista de Ciência Política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Vol. 17, n.º 4, p. 67-124, out/dez. 1974.
- MEDEIROS, Jarbas. Introdução ao estudo do pensamento político autoritário brasileiro (1914-1945). In: **Revista de Ciência Política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Vol. 18, n.º 4, p. 67-124, março. 1975.

---

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Norma Gouveia de Melo do Rego. **Alceu Amoroso Lima**: idéia, vontade, ação da intelectualidade católica no Brasil. Rio Janeiro: PUC, 1991.

MOTA, Lourenço Dantas. **Entrevista com Tristão de Athayde**. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Diálogo).

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PILLETI, Nelson & PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara**. Entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

RODRIGUES, A. M. M (org.). **A Igreja na República**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **Alceu Amoroso Lima**: matrizes e posições de um intelectual católico militante em perspectiva histórica 1928-1946. Assis, 2006. Tese de Doutorado.

VILLAÇA, Antônio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.